O OBJETO VOCAL OU O NADA RADICAL. *PARA UM NOVO COMEÇO DA PSICANÁLISE*[1]

por

Christian Fierens[2]

Resumo: A ética da psicanálise nada mais é do que a promoção da ética do inconsciente. Esta funciona especificamente de acordo com o princípio do gozo. O próprio gozo só encontra a sua função começando pelo real do nada absoluto ou do objeto *a* entendido na sua forma vocal.

Palavras-chave: Gozo; ética; voz; objeto *a*; nada.

Abstract: The ethics of psychoanalysis is nothing else than the promotion of the ethics of the unconscious. It specifically operates according to the jouissance principle. Jouissance itself only finds its function starting from the real of the absolute nothing or the object *a* in its vocal form.

Keywords: Jouissance; ethics; voice; object *a*; nothing.

INTRODUÇÃO. A PAISAGEM DA PSICANÁLISE: VIZINHANÇAS E TOPOLOGIA OU A CRÍTICA DO REALISMO[3]

O viajante perdido numa grande extensão de terra ou de mar vê a toda a sua volta o horizonte que o rodeia. De qualquer lado que avance, o horizonte recua e ele não consegue captar o que o envolve. O horizonte escapa-lhe, e é apenas através de alguns movimentos limitados, muito distantes da linha do horizonte, que ele o pode experienciar: o ideal — o ideal distante — escapa-nos infinitamente.

---

[1] Este texto foi inicialmente publicado em francês na revista *Psychanalyse Yetu*, n.º 49, 2022, p. 99-113. Agradecemos a esta revista a amável permissão para o reproduzir aqui, bem como, evidentemente, ao seu autor. O artigo pode ser obtido no original francês aqui: <https://www.cairn.info/revue-psychanalyse-yetu-2022-1-page-99.htm>. Tradução para português de V. O. Jorge.

[2] Psicanalista, doutor em psicologia, psiquiatra, membro da Associação Psicanalítica Internacional e do *Questionnement Psychanalytique*.

[3] Ver Christian Fierens e Frank Pierobon, *Les Pièges du Réalisme, Kant et Lacan*, Louvain-la-Neuve, EME, 2017.

Mas há algo mais que nos escapa e que é muito mais desconcertante do que a experiência do horizonte. É aquilo a que eu chamarei a experiência do horizonte invertida: na busca de um objeto suposto existir num determinado ponto, verifica-se que a sua essência (a "coisa em si") desaparece no momento em que pensávamos estar a alcançá-la, tal como um Pólo Norte ou Sul que desaparece no momento em que o explorador é suposto alcançá-lo. Assim, o explorador das inibições, dos sintomas e das angústias vê desaparecer a essência de cada uma destas manifestações do inconsciente assim que ele as quer captar. À medida que ele se aproxima do seu núcleo incandescente, elas tornam-se esquivas e já não se sabe em que é que elas consistem realmente: o ideal — o ideal mais próximo, a coisa mais íntima, *das Ding* — escapa-nos infinitamente.

O analista tem esta experiência diariamente. Para limitar o seu desconcerto, o explorador pode erigir pontos de referência no lugar dessa nebulosa de inibição, de sintoma e de angústia. Os elementos de teoria podem assim servir de balizas ao praticante relativamente ao objeto que desaparece no preciso momento em que se pensava que seria alcançado. Os grandes conceitos freudianos ou lacanianos seriam, assim, como que bandeirolas ou marcos de referência supostos orientar a análise (orientação freudiana, orientação lacaniana, orientação junguiana, etc.). Poderíamos depositar uma confiança cega nestes conceitos, no seu fundador e nos seus representantes; o analista tornar-se-ia então um profissional técnico abordando situações clínicas com a sua caixa de ferramentas conceptuais, as quais nunca deveriam ser de modo algum questionadas.

Mas numa observação mais atenta (a qual um seguidismo sistematicamente evita), estes conceitos tornam-se eles próprios inatingíveis à medida que nos aproximamos do seu núcleo incandescente.

Freud compreendeu isto bem desde o início da sua metapsicologia, que era suposta expor os conceitos fundamentais. Estas ideias fundamentais "devem, de princípio, envolver uma certa medida de indeterminação; não se pode delimitar claramente o seu conteúdo. Enquanto elas se encontrarem neste estado, pomo-nos de acordo sobre o seu significado remetendo repetidamente para o material da experiência do qual elas parecem provir, mas que, na realidade, está a elas sujeito[4]". O remeter mútuo dos conceitos para a experiência e da experiência para os conceitos indica bem que ele estava em processo de aproximação. E nós vemos que, após mais de cem anos de investigações, nós ainda aí estamos, e mesmo mais do que nunca. Nós podemos abordar os elementos da experiência clínica e podemos abordar o conteúdo dos

[4] Sigmund Freud, "Pulsions et destins des pulsions", *Métapsychologie, in Oeuvres Complètes tome XIII*, Paris, PUF, 1988, p. 163.

conceitos teóricos. Permaneceremos na sua *vizinhança* sem nunca tocarmos nem o x que seria o coração da experiência clínica, nem o y que seria o núcleo do conceito teórico. Estaremos sempre em percurso, tentando delimitar a vizinhança do que não pode ser delimitado de forma definida. Tal é a contribuição fundamental de Lacan em estar sempre no movimento que tenta aproximar-se, trabalhar com vizinhanças, com aproximações, tanto na sua prática, como na sua teoria. A vizinhança, eis o que define simultaneamente a topologia[5] e qualquer prática psicanalítica que se respeite a si mesma, continuando a questionar os seus pontos focais e os seus obeliscos, as suas torres de controlo e os seus pontos de referência conceptuais, pondo-os constantemente a trabalhar sobre um *dizer* clínico que se esconde demasiado facilmente por detrás das evidências do que se diz e do que se ouve[6].

Para receber ("intuição") com dignidade e ter uma capacidade de captação ("conceito", *Begriff*) adequada sobre o dizer do analisando e do analista, não basta, portanto, ouvir, é acima de tudo necessário abrir as condições do dizer que respeitem a paisagem, nomeadamente este espaço topológico de aproximação e de vizinhanças, onde se faz a experiência do horizonte invertido, ou seja, do ponto de referência que escapa à medida que se tenta captá-lo e *tê-lo* captado de uma vez por todas.

O espaço topológico da psicanálise corresponde estritamente à definição matemática do espaço topológico: é um conjunto de pontos (que são, e permanecem, desconhecidos: x, y, pontos de interrogação) onde cada ponto faz parte de vizinhanças e só pode ser abordado através dessas vizinhanças[7].

Se aceitarmos a experiência do horizonte invertido de uma forma radical (e não apenas como uma experiência transitória, e rapidamente esquecida, de perturbação), somos convidados a *iniciar* a psicanálise de uma forma completamente diferente. Com um primeiro começo, nós pensávamos ter de recolher meticulosamente os tijolos e pedras (a anamnese) como materiais clínicos garantidos, em betão, para a nossa construção e para a reconstrução do psiquismo do analisando de acordo com

[5] "Em matemática, num espaço topológico, uma vizinhança de um ponto é uma parte do espaço que contém um conjunto aberto que inclui esse ponto. É uma noção central na descrição de um espaço topológico." (cf. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Voisinage_(mathématiques)> NT.

[6] Jacques Lacan: "Qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend" — "O que se diga permanece esquecido por detrás do que se diz naquilo que se ouve" ("L'Étourdit", in *Autres Écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 449).

[7] Um espaço topológico (conjunto X de pontos x) deve satisfazer as quatro condições seguintes: (a) se V é uma vizinhança de x em X, então x está em V, (b) se V1 e V2 são duas vizinhanças de x, então a interseção de V1 e de V2 é uma vizinhança de x, (c) se temos uma vizinhança muito pequena, tudo o que engloba esta vizinhança é *a fortiori* uma vizinhança, (d) uma vizinhança de um ponto x é também uma vizinhança dos pontos "suficientemente" vizinhos de x (ver René Lavendhomme, *Lieux du Sujet, Psychanalyse et Mathématique*, Paris, Seuil, 2001, p. 78-79).

um plano pré-determinado. Com este Outro começo[8] baseado nas vizinhanças e na topologia, faltam-nos os tijolos e o betão, e é nesta falta fundamental que se cria um novo mundo, ao mesmo tempo que se cria uma nova psicanálise. A questão é e permanecerá sempre esta: "tu estás aí?

Onde está o inconsciente? E acima de tudo: como podemos abordá-lo?

1. A ÉTICA DO INCONSCIENTE E O OBJETO *a*

A ética do inconsciente é a ética da psicanálise

Em *Traumdeutung*[9], Freud *gira* constantemente *em torno* da questão do inconsciente: como abordá-lo (capítulo 2: o método), de acordo com que movimento (capítulo 3: a realização do desejo), como é que ele escapa sempre (capítulo 4: a deformação), que material ele convoca (capítulo 5), quais são as transformações que se operam no seu trabalho (capítulo 6). O sonho leva Freud a reconhecer que o inconsciente não funciona de todo de acordo com um método que nos seria familiar e que começaria por atribuir a si próprio pontos fixos bem conhecidos que permitem pensar, calcular e ajuizar: o trabalho propriamente inconsciente do sonho "não pensa, não calcula, não formula de modo algum juízos". Não pensa em função do prazer. Não calcula através de meios técnicos para alcançar o prazer. Não faz juízos sobre os efeitos da sua ação na realidade[10]. Não! O inconsciente só faz uma coisa: "dar uma forma outra[11]".

"Dar uma forma outra" é, no entanto, apenas uma aproximação relativamente ao que o inconsciente faz. Mesmo que possamos imaginar as várias "formações" do inconsciente e apoiar-nos nas balizas das tópicas freudianas ou das figuras topológicas lacanianas, o inconsciente compreende-se através do seu trabalho e a primeira aproximação deste trabalho consiste em tomar em linha de conta que ele não pensa (em função do prazer), que ele não calcula (em termos de utensílios que

[8] Refiro-me aqui a Martin Heidegger, que abre a necessidade de um novo começo para a filosofia a partir do *Estre* (*Seyn*) na medida em que ele é fundamentalmente *nada*, um nada radical uma vez que é diferente de qualquer ser (*Seiend*) (ver a sua segunda grande obra, depois de *Sein und Zeit*, obra póstuma: *Beiträge zur Philosophie* (*vom Ereignis*), in *Gesamtausgabe band 65*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1994 (tradução francesa, *Apports à la Philosophie, de l'Avenance*, Paris, Gallimard, 2013).

[9] Sigmund Freud, *L'Interprétation du Rêve*, in *Oeuvres complètes Tome IV*, Paris, PUF, 2003. É evidente que o livro de Freud não deve ser entendido como a bíblia do psicanalista, mas na perspetiva em continuidade de um percurso de vizinhanças. A este respeito, o livro de Pierre Bruno — *Qu'est-ce que Rêver?* Toulouse, Érès, 2017 — propõe, de forma exemplar e questionadora, uma abordagem do sonho através de vizinhanças, a única abordagem que a ele, sonho, convém.

[10] Este é o esquema médico ou técnico clássico: diagnóstico, tratamento, prognóstico.

[11] Sigmund Freud, *L'interprétation du Rêve*, in *Oeuvres completes, Tome IV*, Paris, PUF, 2003, p. 558.

nos permitissem aproximar desse prazer na realidade) e que não formula juízos (sobre resultados esperados na realidade). Nada o motiva realmente, nem do lado do princípio do prazer, nem do lado do princípio de realidade, e de tudo aquilo que conduz a nossa atividade em termos de atividade dirigida pela razão. Ele é absolutamente obstinado[12] (mas não tem cabeça), teimoso (mas sem propósito aparente), duro de compreensão (mas não dotado de compreensão). Assim, ele impõe-se: é imperativo. Assim, ele rejeita toda as moderações e modulações da compreensão para o tentar domar: ele é categórico. O inconsciente está por excelência na vizinhança do imperativo categórico. As manifestações do inconsciente nas dependências aditivas e, mais genericamente, nas diferentes inibições, sintomas e angústias, impõem-se categoricamente: são figuras evidentes do imperativo categórico.

A expressão "imperativo categórico" evoca logo o seu filósofo de Königsberg. Se a lei moral kantiana pode parecer totalmente obsoleta, o imperativo categórico do inconsciente impõe-se hoje em dia em todas as vizinhanças da psicanálise. Podemos tentar desviar-nos dele, mas ele nunca se esquece de nós. Inexoravelmente.

É, pois, necessário especificar o que é e o que deve ser um imperativo categórico. Este é o interesse principal que tem para a psicanálise a leitura da *Crítica da Razão Prática* de Kant, da qual farei aqui uma introdução muito sumária.

Todas as dependências relativamente a objetos ou a matérias que determinariam o dever ou o imperativo devem ser eliminadas a fim de se perceber o que está em jogo no imperativo categórico. Sem objeto pré-determinante e sem matéria pré-determinada, o imperativo será portanto puramente *formal* (como observa Freud, o inconsciente limita-se a dar uma *forma* outra).

Como podemos compreender a forma do imperativo categórico inerente à lei moral kantiana? Um *equívoco* persistente, comum e mesmo partilhado pelo próprio Lacan[13], considera que a lei moral surge 1) num sujeito-indivíduo, colocado diante de 2) objetos ou exemplos concretos; o indivíduo levanta a si próprio a questão de 3) o que convém fazer para fazer o bem, e encontra a resposta em 4) a lei moral, que tem uma forma universal. A forma vem assim somar-se a uma situação já estruturada por um sujeito, aos seus exemplos e aos seus objetos e a um ideal de bem fazer. Podemos inscrever este equívoco persistente num esquema em ziguezague (baseado no esquema L de Lacan[14] Fig. 1):

[12] *têtu*, em francês, permitindo o jogo de palavras com *tête*, cabeça (NT).

[13] Ver Christian Fierens, *Le Principe de Jouissance, Critique de la Raison Pratique (Kant), Kant avec Sade (Lacan)*, Louvain-la-Neuve, EME, 2020.

[14] Jacques Lacan, "D'une question préliminaire à tout traitement de la psychose", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 548.

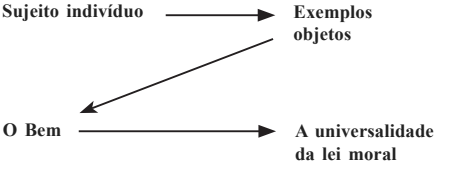

Fig. 1.

A chamada forma universal (4) surge assim apenas como resultado de uma tripla *hipótese* 1) a do sujeito-indivíduo, 2) a dos exemplos e objetos concretos e 3) a do querer fazer o Bem. É por isso que tal entendimento da forma não é categórico, mas sim triplamente hipotético.

A ética — do inconsciente e da psicanálise — deve ser abordada através do objeto *a*. E o objeto *a* só é introduzido através da ética

Para que a forma seja categórica, o imperativo categórico — como fazendo parte da vizinhança do inconsciente, da qual depende realmente a vizinhança da lei moral kantiana — *só pode partir do lugar do grande Outro* para se dirigir em seguida para as questões do Bem (e do Mal), dos exemplos (e dos contra-exemplos[15]) e finalmente para um sujeito que é apenas o produto de todo o processo. Esta leitura do imperativo categórico (profundamente fiel a Kant) é demonstrada em Lacan através de Sade, o qual não deixa 1) de laminar o sujeito, 2) de ridicularizar todos os exemplos, 3) de substituir o Bem pelo Mal para que tudo comece no lugar do Outro. Por outras palavras, a leitura do mal-entendido comum deve ser invertida e restabelecida na sua devida ordem[16]. Sade destaca assim a irrupção de uma nova moralidade a partir da *voz* do algoz situado no lugar do Outro que comanda todo o processo (um processo no sentido inverso do mal-entendido comum sobre a moralidade kantiana). A verdade de Kant é assim restabelecida com Sade: "Kant com Sade".

[15] "Exemplo contrário a outro ou que é usado para o contestar ou para contestar uma teoria ou um argumento." Cf. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/contra-exemplo> NT.

[16] "A condição do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se passa no Outro" (*Ibid*. p. 549, ênfase minha) e não o contrário.

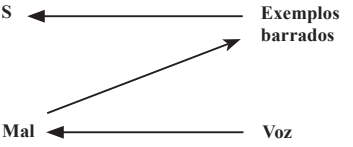

Fig. 2.

Mas isso não é tudo. Se Kant já tinha notado que a moralidade releva da faculdade superior de desejar, Lacan (novamente em "*Kant avec Sade*") argumenta que o desejo (que corresponde à faculdade de desejar superior) e a lei moral são as duas faces de uma mesma moeda: a Lei não é mais do que desejo reprimido e o desejo não existe sem a sua articulação com a Lei. Com o "desejo" articulado desta forma à "Lei", nós passámos para uma outra vizinhança do inconsciente, o que implica uma superfície bilateral. O inconsciente (o lado do desejo) é a outra face da ética (o lado da Lei): o estatuto do inconsciente é essencialmente ético[17] (e isto é fundamentalmente a ética *kantiana*).

A ética da psicanálise nada mais é do que a promoção da ética do inconsciente. Assim, o imperativo categórico do inconsciente e a ética da psicanálise podem, portanto, ser explicitados pelas três fórmulas modificadas do imperativo categórico kantiano, não por uma ou por outra, mas pela articulação das três. Em primeiro lugar, "age de modo a teres sempre em conta o inconsciente, que vale sempre muito mais do que os regulamentos e as diretivas particulares, e que vale, portanto, como a Lei universal por excelência, mais forte do que todas as leis, incluindo as leis divinas". Em segundo lugar, "age sempre respeitando as vizinhanças do inconsciente que existe em ti e em qualquer pessoa que encontres". Em terceiro lugar, "deixa o inconsciente agir em completa liberdade, pois é a partir desta liberdade que se criam todas as formas novas".

Uma tal ética do inconsciente funciona segundo o *princípio do gozo*[18] e não segundo o princípio do prazer ou o princípio de realidade; ela começa – trata-se de um novo começo para a psicanálise! - pelo nada, a ausência de matéria e de objeto, pela voz em vez do Outro, pelo surgimento a partir do nada. Esta é a questão do objeto *a* de Lacan, que só poderia ter sido introduzida na sua necessidade estrutural através da ética do inconsciente (no *Séminaire VI*, na *Éthique de la Psychanalyse* e em *Kant avec Sade*).

Como *conceber*, como podemos abarcar o objeto *a*?

---

[17] Jacques Lacan, *Le Séminaire Livre XI, Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*, Paris, Seuil, 1973, p. 34.

[18] *Jouissance* = gozo, um conceito central no ensino de Lacan (NT).

2. COMO "ABARCAR" O OBJETO *a*? OU O VERDADEIRO SENTIDO DO CONCEITO COMO CONCEITO

A eventualidade do nada ou o possível

Entendamos o "conceito" não como uma noção da lógica formal, não como um círculo de Euler ou uma pequena caixa mental dentro da qual reduzimos e encerramos indivíduos ou elementos para serem classificados. O verdadeiro "conceito" consiste em saber como podemos apreender a coisa. Ora, como já dissemos, a paisagem da psicanálise implica que essa apreensão só poderá ser feita através de múltiplas vizinhanças e através do percurso da questão. A "compreensão" do objeto *a* (com vista a sustentar a ética do inconsciente e a ética da psicanálise) será, portanto, obtida através de uma caminhada pelas suas próprias vizinhanças.

Antes de iniciarmos esse percurso, precisemos ainda o que o "objeto *a*" não é: 1) ele não é um tipo de coisas que poderíamos encontrar sob a forma de múltiplos exemplares, na vida, no psiquismo ou no mundo; 2) ele não é uma entidade conceptual que compreenderia quatro espécies: o objeto oral, o objeto anal, o objeto escópico e o objeto vocal; 3) ele não é também uma chave-mestra capaz de substituir com vantagem Deus omnisciente para resolver os problemas técnicos colocados pelo inconsciente. Em suma, o objeto *a* não é nem uma coisa, nem um conceito, nem uma ideia. Ele não é absolutamente nenhum ente[19] e, deste ponto de vista, ele não é absolutamente *nada*.

Então, porque persistimos em chamar-lhe "objeto"?

Porque ele se impõe no próprio âmago de qualquer abordagem, de qualquer apreensão do objeto, de qualquer objeto. Faz necessariamente parte da vizinhança do objeto, de qualquer objeto.

A analítica da *Crítica da Razão Pura* de Kant especificou como qualquer objeto *possível* pode ser concebido (como podemos aprendê-lo). Com as condições de possibilidade do objeto concebidas nas quatro grandes categorias (quantidade, qualidade, relação, modalidade), considerámos que o objeto é *possível*. Para cá deste possível, devemos também colocar a questão do objeto *impossível*, como Kant faz nas duas últimas páginas da analítica; ou, ainda, devemos colocar a questão de saber se o objeto é alguma coisa ou nada. "Alguma coisa ou nada?" Esta é a questão central, essencial, do objeto *a*, na medida em que ele é introduzido pela ética do inconsciente e pelo imperativo categórico (que parte necessariamente do nada).

[19] *Étant* no original francês. NT.

"Como as categorias são os únicos conceitos que se reportam a objetos em geral, o discernimento de um objeto, para saber se ele é alguma coisa ou nada, seguirá a ordem e as indicações das categorias.[20] Para responder à pergunta, Kant propõe quatro fórmulas, que são de facto outras tantas tentativas de apreender o "nada" que, na sua pureza, escapa completamente.[21]

1. Do lado da *quantidade*, algo que não é nada é o "conceito vazio sem objeto" (*ens rationis*). O conceito tenta, de facto, delimitar algo numa primeira abordagem, mas, numa segunda abordagem, notamos que não há nada no círculo. Assim, o objeto plenamente satisfatório (o objeto oral) é o conceito vazio sem objeto por excelência: é um conceito bem circunscrito, mas que não circunscreve absolutamente nada: nunca haverá um objeto plenamente satisfatório. A eventualidade do nada encontra-se a partir de uma expectativa de alguma coisa (expectativa induzida pelo conceito).

2. Do lado da *qualidade*, um nada que é alguma coisa é "o objeto vazio de um conceito" (*nihil privativum*). O conceito produz realmente nada, a partir de alguma coisa: o conceito proporciona numa primeira abordagem uma qualidade (luz, calor, amor) que ele aniquila imediatamente numa segunda abordagem pela qualidade oposta ao mesmo conceito (obscuridade, frieza, ódio). Assim, o objeto contraditório (o objeto anal) é o objeto vazio de um conceito por excelência: duplamente apreendido, ele fabricou nada muito concretamente privando-se do que tinha dado a si mesmo. A eventualidade do nada é construída a partir da contradição que se joga no próprio conceito.

3. Do lado da *relação*, uma coisa qualquer que é apenas uma abertura para receber alguma coisa, é a "intuição vazia sem objeto" (*ens imaginarium*). Numa primeira abordagem, nós vemos bem a estrutura espacial, intuitiva e visual da nossa experiência, numa segunda abordagem notamos que esta estrutura não é de todo um objeto e não tem objeto. Assim, o objeto que não é um objeto porque ele é a condição de aparecimento de qualquer objeto (o objeto escópico) é a intuição vazia sem objeto por excelência: ela existe apenas no percurso em forma de duplo anel[22] que circunda o objeto e apaga os vestígios do objeto. A eventualidade do nada é abstraída a partir da nossa experiência empírica.

---

[20] Immanuel Kant, "Critique de Pure Reason", in *Euuvres Philosophiques tome 1*, Paris, Gallimard Pléiade, 1980, p. 1010; A290; B346.

[21] Para a correspondência entre as quatro categorias kantianas, os quatro conceitos fundamentais freudianos da psicanálise, as quatro formas kantianas do nada e as quatro formas do objecto a lacaniano, remetemos para Christian Fierens, "Logique de vérité et logique de l'errance chez Kant et chez Lacan", in Filozofski vestnik, The issue with Kant, Ljubljana, Filozofski institute ZRC SAZU, 2015, pp. 55-85. <https://ojs.zrc-sazu.si/filozofski-vestnik/article/view/4519/4216>.

[22] "Parcours en double boucle" no original francês — v. fig. 3. (NT).

Cada uma destas três tentativas de circunscrever o objeto a pressupõe um percurso de dois anéis, ou seja, um "oito interior". Além disso, o objeto a é suposto sustentar e comportar as duas faces do desejo e da Lei, através das quais ele devia ser introduzido, como vimos. Isto permite-nos dar uma figuração topológica do objeto *a*. É o percurso topológico em oito interior que gera a superfície bilateral (desejo-lei), da qual nunca vemos mais do que um lado de cada vez.

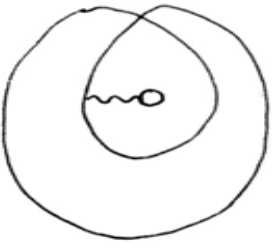

Fig. 3.

As três primeiras formas do nada ou do objeto *a* podem ser combinadas com alguma coisa, mas indicando com precisão de cada vez que: "não é isso". Sim, é *possível* encontrar um objeto satisfatório, mas não completamente. Sim, é *possível* lidar com a contradição, mas não integralmente. Sim, é *possível* preencher a estrutura espacial, mas fica sempre um buraco. Contrariamente a estas três primeiras formas relativamente possíveis, a quarta forma é *radicalmente impossível*.

O nada radical e o impossível impossível

4. Do lado da *modalidade*, um nada que não é nada é "o objeto vazio sem conceito" (*nihil negativum*). "O objeto de um conceito que se contradiz a si próprio não é nada, porque o conceito nada é impossível, como por exemplo uma figura retilínea com dois lados".[23] Aqui, aparentemente, não há necessidade de dois anéis: nada, é nada.

[23] Immanuel Kant, "Critique de Pure Reason", op. cit., p. 1011.

Com este nada que é nada (A=A?), ver-nos-íamos livres da abordagem topológica por vizinhanças?

Toda a questão da psicanálise (a ética do inconsciente) está em *encontrar* este nada radical, que é equivalente à forma vocal do objeto *a*.

3. O IMPOSSÍVEL OU O ENCONTRO COM O REAL DO OBJETO *a*

O discurso psicanalítico "toca no real ao encontrá-lo como impossível[24]".

Este impossível já se encontra em toda uma série de negações promulgadas por Lacan: "o Outro não existe", "não há relação sexual", "a mulher não existe", etc. Estas negações não são simples informações teóricas sobre o que "não existe". São essencialmente posições éticas exigidas pelo inconsciente e pela ética da psicanálise: "abandonem qualquer esperança de encontrar o Outro do Outro, a relação sexual, a mulher, abandonem qualquer esperança de encontrar o significado, o sentido — vocês que querem entrar no inferno do inconsciente"[25]. Esta ascese é particularmente difícil e antinómica à norma dos neuróticos — incluindo a da psicanálise neurótica — que se construíram precisamente sobre a crença na existência desse grande Outro, dessa relação sexual, da mulher, do significado, do próprio sentido.

O abandono destes pontos de referência será ao *mesmo tempo* o início da abordagem topológica por vizinhanças. Mas ele só implicará a aventura topológica se for radical, ou seja, que se não tivermos *Ersatz* para os pontos de referência que acabámos de abandonar (um Outro do Outro, uma relação sexual, uma tabela da sexualidade em duas colunas, interpretações, etc.). O nada radical — a quarta forma do objeto *a* — é assim fundamental não somente porque é ele que introduz a necessidade do objeto *a* para o inconsciente e para a ética da psicanálise, mas sobretudo porque é ele que implica a aventura topológica e o verdadeiro método da psicanálise por vizinhanças. O nada radical condiciona assim radicalmente a prática.

Não vale a pena multiplicar experiências e constatações; nós nunca atingiríamos nelas o abandono radical. Esta radicalidade do abandono só pode ser encontrada no encontro do impossível no próprio coração de cada objeto. O objeto *a*, como "*a invenção*" de Lacan, é fundamentalmente a *invenção ética do inconsciente* a partir

[24] Jacques Lacan, "L'Étourdit", op. cit. *ibid*.

[25] "Tu que entras, abandona toda a esperança" (Dante, The Divine Comedy, in *Œuvres complètes*, Paris, Le Livre de Poche, p. 608).

do objeto *a* na sua forma vocal[26], que transporta qualquer objeto para o mergulhar numa outra prática (um outro começo para a psicanálise).

4. VIZINHANÇAS DO OBJETO *a* VOCAL OU DO NADA RADICAL

A face do objeto *a* é encontrada de forma muito concreta na clínica. Mas precisamente ***não*** "no que é ouvido". Porque "o que se ouve" é ouvido como o significante que dá acesso ao significado, o lugar do grande Outro é ouvido como um personagem grande Outro, etc. A voz, o objeto vocal, é aquilo que não se ouve! "Apreender" o objeto vocal consiste em apontar para aquilo que está radicalmente fora do nosso alcance, fora do conceito.

A quarta forma do nada para o pensamento geométrico euclidiano plano (o exemplo de Kant)

Como já dissemos, é o "objeto vazio sem conceito" (*nihil negativum*). "O objeto de um conceito que se contradiz a si próprio não é nada, porque o conceito nada é impossível, como por exemplo uma figura retilínea com dois lados." Toda a gente estará de acordo em reconhecer que a dita figura retilínea de duas faces não existe na *geometria plana euclidiana*, porque *neste quadro* é um conceito impossível; nesta disciplina, é um nada radical. No âmbito de uma geometria *esférica*, é óbvio que existem figuras compostas por dois lados (por exemplo, a figura delimitada por dois meridianos diferentes no globo terrestre).

A objeção formulada por Lacan relativamente ao exemplo kantiano[27] é fundamentalmente uma objeção relativa à geometria euclidiana plana, a qual é completamente insuficiente para explicar a abordagem psicanalítica do inconsciente[28].

[26] As três faces — oral, anal e escópica — estão claramente presentes em Freud. Se nos cingirmos a estas três faces, não só Lacan não inventou nada com o seu objeto a, como, acima de tudo, perdemos a própria razão de ser da invenção do objeto a.

[27] Jacques Lacan, Le Seminaire, *Livre IX, L'Identification*, inédito, sessão de 28 de Fevereiro de 1962.

[28] A topologia como revisão da estética transcendental kantiana (Jacques Lacan, "L'Étourdit" op. cit., p. 472) implica, naturalmente, livrarmo-nos do paradigma da geometria euclidiana que era o de Kant (ver Jacques Lacan, *L'identification*, op. cit.). Mas mais radicalmente, ela baseia-se na questão do que é o espaço, e esta questão foi perfeitamente colocada desde a primeira secção da estética transcendental kantiana (Emmanuel Kant, *Critique de la Raison Pure*, op. cit., p. 784; A22; B37). Ver sobre este assunto Christian Fierens, "La parole neutre", em Christian Centner, Marc Darmon, Christian Fierens e Cyril Veken, *La Parole et la Topologie. Pourquoi et Comment la Parole Implique-t-elle la Topologie?* Louvain-la-Neuve, EME, 2012, p. 7 e seguintes.

Como compreender então com precisão o "nada radical" *em relação à questão do inconsciente*?

A quarta forma do nada para a fenomenologia

O fenómeno em geral obedece necessariamente às condições da experiência tal como se inscreve no espaço e no tempo[29]. O nada absoluto é o anti-fenómeno por excelência, ou seja, o que contradiz as condições da experiência. É o que, muito simplesmente, não existe. Para acentuar este "isso não existe", poderíamos dizer "o Outro não existe", "não há relação sexual", "a mulher não existe". Mas cada uma destas inexistências e todas aquelas que lhes poderíamos acrescentar baseia-se naquilo que consideramos serem as condições da nossa experiência, nomeadamente o Outro, a relação sexual, a mulher, etc. Ora, as condições da experiência nunca são dadas em absoluto, num realismo independente de nós; pelo contrário, de cada vez a nossa experiência do Outro, da relação sexual, da mulher, apresenta-se sempre como uma aproximação por vizinhança sem jamais poder fixar o ponto que estamos a tentar apreender. O nada absoluto — isto é, o objeto *a* na sua forma vocal — apresenta-se assim necessariamente como a inexistência de um ponto porque é impossível de fixar. Ele exige, consequentemente, a abordagem topológica, a abordagem por aproximações infinitas. O caso limite onde todo o funcionamento é desorientado[30] (como no Pólo Norte ou no Pólo Sul).

A quarta forma do nada na clínica freudiana

Na prática clínica muito concreta, temos de distinguir e de opor, por um lado, as condições da experiência e, por outro, o nada radical que contradiz estas condições. Assim, as condições da experiência é o lugar que instituímos, por exemplo sob a forma da regra fundamental das associações livres, para ir ao encontro do nosso paciente na expectativa de que ele possa tornar-se analisando. E o nada radical, a voz entra em jogo no que é irredutível ao dispositivo pelo qual pensávamos captar[31]

[29] Cf. a estética transcendental e a análise transcendental da *Crítica da Razão Pura*.

[30] O autor usa a palavra francesa "*déboussolé*", "desbussolado", particularmente expressiva desta desorientação. NT.

[31] O autor utiliza a metáfora "*piéger*", armadilhar, por certo com alguma ironia. NT.

o inconsciente do paciente. É o questionamento e o desvio[32] do lugar de análise: o objeto *a* na sua forma vocal apresenta-se então como a paragem das associações, paragem essa que contradiz as condições fundamentais da psicanálise.

No entanto, objetar-se-á, isso não é nada, uma vez que uma tal paragem significaria, segundo Freud, que o analisando pensa no analista[33]. Ora, este pensamento sobre o analista é apenas a cobertura que é preciso retirar para deixar ressoar a voz: o analisando pensa no analista no sentido de que o silêncio gira em torno da *função* do analista (e não da sua pessoa). Esta função consiste em manter-se no lugar de objeto a (no discurso analítico), e mais precisamente no lugar do objeto a vocal, ou seja, o do nada radical. Não se trata de o analista ter de fechar esse lugar. É que ele deve manter o silêncio. Ele é o guardião do silêncio vivido pelo analisando. Não há mais qualquer matéria, mas ausência radical de qualquer objeto para colocar debaixo do dente, sob as nádegas ou no olho. Pureza do Não-Ser. É isto que traz esta face do objeto a que é a voz, e é apenas aí que a questão do sujeito — "quem sou eu?" pode ter lugar. "Estou no lugar de onde se exprime que "o universo é uma falha na pureza do Não-Ser". E isto não acontece sem razão, pois, a conservar-se, este lugar faz com que o próprio Ser se desvaneça. Ele chama-se Gozo[34], e é ele cuja falta tornaria vão o universo. Então, sou eu o responsável por isso? — Sim, sem dúvida.[35]

Como é que nos responsabilizamos pelo gozo?

5. RESPONSABILIZAR-SE PELO GOZO OU A ÉTICA INICIADA NO OBJETO *a* VOCAL

A psicanálise não estará morta para aquele que a inventa de novo *desde o início* através da ética do inconsciente funcionando de acordo com o princípio do gozo. Abordagem absolutamente arriscada, risco absoluto, que deixa o analista sem qualquer recurso desde o início, exceto o de ter de se manter no lugar do objeto *a* vocal, do radical impossível. Não para pensar, calcular possibilidades e ajuizar da sua realização. Mas para abrir o dizer inédito de quem faz uma análise, ou seja, de quem a inventa a partir do inferno do inconsciente. Este é o princípio de gozo.

[32] O autor utiliza a palavra francesa "*dé-route*", mas subdividida por um traço, para melhor caracterizar o desfazer, o sair da sua rota, da cena analítica, a que alude. NT

[33] Sigmund Freud, "Sur la dynamique du transfert", in *Œuvres Complètes tome XI*, Paris, PUF, 2005, p. 109.

[34] Gozo, em francês, conceito crucial de Lacan.

[35] Jacques Lacan, "Subversion du sujet e dialectique du désir", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 819.

Este princípio só funciona com o abandono radical de qualquer matéria e de qualquer objeto, por outras palavras, com o objeto *a* vocal como nada radical. É a partir dele que se abre o encargo de fazer alguma coisa, de fazer uma pura forma — o *umformen* do inconsciente. Invenção de si próprio[36]. Ato puro que não depende da matéria. É o dizer que cria tudo de novo (fora do dito e fora do ouvido). É o dito primeiro, onde tudo começa a partir do nada radical, a voz. A psicanálise só tem uma via possível: manter esta ética do inconsciente, manter o princípio de gozo.

Como mantê-lo, se possível, *em cada momento* da fala e do encontro que está em jogo na análise?

Do lado da fala

"O significante representa o sujeito para outro significante".[37] A definição é conhecida, mas ela é fundamentalmente equívoca. Compreenderemos os dois significantes como fazendo parte de uma "cadeia significante", tal como Lacan tinha proposto aos seus alunos no período que precedeu o seminário sobre *A Identificação*[38]? Neste mesmo seminário, Lacan propõe, pelo contrário, considerar o significante como um corte, e primeiro que tudo como um corte na repetição do *mesmo*[39] significante: "o outro significante" (S2) é assim o mesmo que o primeiro significante (S1), *mas*, na repetição, ele é amputado de todo o imaginário de que o primeiro estado do significante (S1) ainda estava carregado. Se S2 vale como "saber", não é de modo algum um saber que acumula conhecimentos, mas o grau *zero* do saber (e é isso mesmo que está em jogo no traço unário, que não é de modo algum a redução de um conjunto de objetos ao seu denominador comum[40]). É assim a ascese da diferença entre S1 e S2 que permite a emergência do nada absoluto, do objeto *a* na sua forma vocal.

---

[36] Ver Marie Iemma-Jejcic, *Le Métier d'être Homme, Samuel Beckett, L'invention de Soi-même*, Louvain-la-Neuvre, EME, 2021.

[37] Jacques Lacan, *ibid*.

[38] Jacques Lacan, *Le Seminaire, Livre IX, L'Identifiction*, op. cit., lição de 30 de maio de 1962 (ALI p. 372).

[39] "O mesmo e o igual não se sobrepõem, tal como não se sobrepõem o mesmo e a uniformidade vazia do puro idêntico". O igual (*das gleiche*) liga-se sempre ao sem-diferença, para que tudo caiba nele. O mesmo (*das selbe*), por outro lado, é a pertença mútua do diferente a partir da união operada pela diferença. Só se pode dizer "o mesmo" quando a diferença é pensada" (Martin Heidegger, "…o homem vive como poeta…", in *Essais et Conférences*, Paris, Gallimard, 1958, p. 231).

[40] Jacques Lacan, *Le Séminaire, Livre IX, L'Identification*, op. cit., lição de 6 de zezembro de 1961.

Do lado do encontro

"O que é que você espera deste encontro?" Esta a questão que parece ter de ser colocada a fim de planear adequadamente o referido encontro, incluindo o encontro que inicia uma psicanálise ("que demanda é a sua?"). Com tal pergunta, o temor surpreendente do encontro, da *tuchè* absolutamente desconcertante, é evitado e neutralizado.

Para enfrentar verdadeiramente o real do encontro, devemos deixar de esperar que o Outro dê a resposta ao que esperaríamos. O Outro é radicalmente barrado, não porque não exista (vamos deixar essa questão em suspenso), mas porque ele não responde e não irá responder. É esta não-resposta radical que está em jogo na castração: a mãe — primeira figura do grande Outro — é castrada, ela não dará a resposta ao que esperamos. O mesmo se aplica a todas as figuras do grande Outro, incluindo a do analista, o sujeito suposto saber.

Mas não é tudo: o próprio analisando deve ser a figura do Outro para o analista no processo de cura e, no melhor dos casos, ele não dará a resposta que nós esperamos.

Ora, esta não-resposta do Outro (da mãe, do analista, do analisando, etc.) é exatamente o que está em jogo no outro do significante, no "outro significante". O significante do grande Outro barrado $S(\not{A})$, "será assim o significante para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, sem este significante, todos os outros não representariam nada"[41]. $S(\not{A})$ é o S2 de todos os S1. Pelo menos se quisermos dar ao processo significante (S1-S2) toda a sua força.

***

Abordámos a forma vocal do objeto *a* como nada radical de várias maneiras: a figura retilínea de dois lados, os diferentes "não existe", a cessação das associações, o outro significante como grau zero de conhecimento, $S(\not{A})$, etc. No entanto, nunca diremos que o objeto vocal é um ou outro desses objetos, a cessação das associações ou $S(\not{A})$ por exemplo. Pelo contrário, em cada caso nós aproximamo-nos da vizinhança do objeto *a* sem lhe tocarmos, porque é no movimento topológico e na multiplicidade destas vizinhanças que ele se constitui. Chamamos-lhe a voz,

[41] Jacques Lacan, "*Subversion du sujet et dialectique do désir*", op. cit. p. 819.

porque ele ressoa por um lado com a voz da consciência, que esconde a ética do inconsciente, e por outro lado na voz do alucinado, como real do significante.

A partir da invenção de Lacan, a partir do objeto *a* como vocal, o verdadeiro início da psicanálise (que está sempre a começar e a começar de novo) só pode surpreender — assustar. Pois não há nada que nos guie para manter o dizer, o dizer no poder de invenção do inconsciente.

A ética resume-se, pois, ao *dizer*. Este dizer *inventa e cria* o Bem. Este é o significado do "Bem-dizer"[42]: inventar o Bem através do ato do dizer, partindo da voz como nada radical.

[42] À questão "que devo fazer?", Lacan responde: "Só posso retomar a questão como toda a gente faz, pondo-a a mim próprio". E a resposta é simples. É o que faço, a partir da minha prática retirar a ética do Bem-dizer, que já sublinhei. Aprendei com ela, se acreditais que noutros discursos ela pode prosperar. Mas duvido que assim seja. Pois a ética é relativa ao discurso" (Lacan, "Télévision", in *Autres Écrits*, op. cit., p. 541).